

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

# ANTOLOGIA GREGA

## APÊNDICE DE PLANUDES (LIVRO XVI)

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO  
CARLOS A. MARTINS DE JESUS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

Versão integral disponível em [digitalis.uc.pt](https://digitalis.uc.pt)

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

**ESTRUTURAS EDITORIAIS**  
SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ISSN: 2183-220X

**DIRETORAS PRINCIPAIS**  
MAIN EDITORS

Carmen Leal Soares

Universidade de Coimbra

Maria de Fátima Silva

Universidade de Coimbra

**ASSISTENTES EDITORIAIS**  
EDITORIAL ASSISTANTS

Pedro Gomes, Nelson Ferreira

Universidade de Coimbra

**COMISSÃO CIENTÍFICA**  
EDITORIAL BOARD

Adriane Duarte

Universidade de São Paulo

Aurelio Pérez Jiménez

Universidad de Málaga

Graciela Zeccin

Universidade de La Plata

Fernanda Brasete

Universidade de Aveiro

Fernando Brandão dos Santos

UNESP, Campus de Araraquara

Francesc Casadesús Bordoy

Universitat de les Illes Balears

Frederico Lourenço

Universidade de Coimbra

Joaquim Pinheiro

Universidade da Madeira

Lucía Rodríguez-Noriega Guillen

Universidade de Oviedo

Jorge Deserto

Universidade do Porto

Maria José García Soler

Universidade do País Basco

Susana Marques Pereira

Universidade de Coimbra

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS  
A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

**Versão integral disponível em [digitalis.uc.pt](http://digitalis.uc.pt)**

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

**ANTOLOGIA GREGA**

**APÊNDICE DE  
PLANUDES**

**(LIVRO XVI)**

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

CARLOS A. MARTINS DE JESUS

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

Versão integral disponível em [digitalis.uc.pt](http://digitalis.uc.pt)

TÍTULO TITLE

Antologia Grega. Apêndice de Planudes (livro XVI)  
Greek Anthology. The Planudean (Book XVI)

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

TRANSLATION FROM THE GREEK, INTRODUCTION AND COMMENTARY  
Carlos A. Martins de Jesus

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra    Annablume Editora \* Comunicação  
Coimbra University Press

[www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)

[www.annablume.com.br](http://www.annablume.com.br)

Contacto CONTACT

[imprensa@uc.pt](mailto:imprensa@uc.pt)

Contato CONTACT

[@annablume.com.br](mailto:@annablume.com.br)

Vendas online ONLINE SALES

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial EDITORIAL COORDINATION

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica GRAPHICS

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira



POCI/2010

Infografia INFOGRAPHICS

Nelson Ferreira

Obra publicada no âmbito do projeto  
- UID/ELT/00196/2013.

Impressão e Acabamento PRINTED BY

<http://www.simoeselelinhares.net46.net/>

ISSN

2183-220X

ISBN

978-989-26-1331-4

© Abril 2017

ISBN Digital

978-989-26-1332-1

Annablume Editora \* São Paulo  
Imprensa da Universidade de Coimbra  
Classica Digitalia Vniversitatis  
Conimbrigenis  
<http://classica.digitalia.uc.pt>  
Centro de Estudos Clássicos e  
Humanísticos da Universidade de  
Coimbra

DOI

10.14195/978-989-26-1332-1

Depósito Legal LEGAL DEPOSIT

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under

Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

# ANTOLOGIA GREGA. APÊNDICE DE PLANUDES (LIVRO XVI)

## GREEK ANTHOLOGY. THE PLANUDEAN (BOOK XVI)

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO POR  
TRANSLATION, INTRODUCTION AND COMMENTARY BY  
Carlos A. Martins de Jesus

FILIAÇÃO AFFILIATION  
Universidade de Coimbra University of Coimbra

### RESUMO

A *Antologia de Planudes*, conservada no autógrafo *Marcianus gr.* 481 do século XIV, foi durante os séculos XVI-XVIII a única recensão do epigrama grego conhecida e divulgada e exerceu, por isso mesmo, uma influência notável na poesia e na cultura moderna em geral. Texto pedagógico nuclear para alunos renascentistas de grego e latim, com frequência constituía o seu primeiro contato com a literatura grega. Poetas e escritores de todos os tempos dela se serviram. Erasmo, que copia e comenta nos *Adagia* cerca de cinquenta componentes, mas também os *Emblemmata* de Alciato, pela primeira vez publicados em 1492, que ilustram, traduzem para latim e comentam um muito maior número de epigramas. O presente volume oferece em tradução os epigramas transmitidos por Planudes que estão ausentes do *Palatinus*, nas edições modernas publicados como Livro XVI da *Antologia Grega*. A grande maioria destes textos (356 de um total de 392) provêm do capítulo IV do *Marcianus*, recolha de epigramas descritivos ou efrásticos. Destes, realçam os componentes dedicados aos aurigas de Constantinopla (núms. 335-386), textos que a arqueologia demonstrou terem conhecido a forma inscrita.

### PALAVRAS-CHAVE

Antologia Grega, Antologia de Planudes, epigrama

### ABSTRACT

The *Planudean*, copied in the fourteenth-century autograph *Marcianus gr.* 481, was between the sixteenth and the eighteenth centuries the single known Garland of Greek epigram, having had, therefore, a huge influence in modern poetry and culture in general. As a didactic text it was for Renaissance students of Greek and Latin, it was frequently their first contact with Greek literature. Poets and other writers made a large use of it. Erasmus is an example, he who copies and

comments in his *Adagia* about 50 components, alongside Alciato's *Emblemmata*, first published in 1492, where a much larger number of epigrams are illustrated, translated into Latin and commented. This volume offers in translation the epigrams transmitted by Planudes that are absent from the *Palatinus*, nowadays published as Book XVI of the *Greek Anthology*. The larger part of them (356 out of 392) comes from chapter IV of the *Marcianus*, a collection of ecphrastic poems. Among them are the components dedicated to the charioteers of Constantinople (numbers 335-386), which archaeology proved to have been actually inscribed.

KEYWORDS

Greek Anthology, *Planudean*, epigram

## AUTORA

Carlos A. Martins de Jesus é doutorado em Estudos Clássicos (especialidade de Literatura Grega) pela Universidade de Coimbra, desenvolvendo à data uma investigação de Pós-doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia sobre a *Antologia Grega* (transmissão e tradução). Tem publicado um conjunto amplo de trabalhos, entre livros e artigos em revistas da especialidade, a maior parte dos quais dedicados à poesia grega e à sua tradução para Português. Assinou a tradução das obras de diversos autores gregos (Arquíloco, Baquilides, Ésquilo, Aristófanes, Plutarco, entre outros), além de trabalhar continuamente na direção de teatro de tema clássico, em Portugal e Espanha.

## AUTHOR

Carlos A. Martins de Jesus has a PhD in Classical Studies (speciality of Greek Literature) by the University of Coimbra, and is currently working on a postdoctoral research founded by the Fundação para a Ciência e Tecnologia, on the *Greek Anthology* (transmission and translation). He has a large record of published works, both books and papers in periodical publications, mostly devoted to Greek poetry and its translation into Portuguese. He is the author of the Portuguese translation of several Greek authors' works (Archilochus, Bacchylides, Aeschylus, and Plutarch, among others), besides working continuously on classical theatre direction, both in Portugal and Spain.



Volume editado no âmbito do Pós-doutoramento em Estudos Literários financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, IP e pelo POPH.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
1. <i>A Antologia Grega</i>	11
2. A recensão de Máximo Planudes	13
APÊNDICE: EPIGRAMAS SOBRE OS AURIGAS DO HIPÓDROMO DE CONSTANTINOPLA	19
BIBLIOGRAFIA	22
APÊNDICE DE PLANUDES. <i>ANTOLOGIA GREGA XVI</i>	
Capítulo I: Epigramas Demonstrativos	27
Capítulo II: Epigramas Satíricos	34
Capítulo III: Epigramas Fúnebres	35
Capítulo IV: Epigramas Ecfrásticos	39
Epigramas sobre as estátuas dos atletas no Hipódromo de Constantinopla	147
Epigramas Diversos	170
ÍNDICE DE EPIGRAMATISTAS	173

50. [Do MESMO]

Se semelhante *Leão* Hércules tivesse que haver enfrentado,  
não seria esse o décimo segundo trabalho do Alcida<sup>70</sup>.

51. DO CÔNSUL MACEDÓNIO

Eis a estátua do pequeno Tionico<sup>71</sup>, não para que vejas  
o belo que era no esplendor deste memorial,  
mas para que, conhecendo o sucesso que granjeou,  
meu caro, desejes emular os seus entusiasmos.  
Ele, cujas pernas não se dobraram à fadiga, ele, que os rivais todos  
venceu, fossem da sua idade, mais novos ou mais velhos.

52. DE FILIPO

Pode ser, estrangeiro, que ao ver-me com barriga de touro  
e estes robustos músculos, como um segundo Atlas,  
te espantes e duvides que sou de natureza mortal!  
Sabe que sou Heras de Laodiceia<sup>72</sup>, atleta do pancrácio,  
o que coroaram Esmirna, o carvalho de Pérgamo,  
Delfos, Corinto, Élis<sup>73</sup>, Argos e também o Ácio.  
Se buscas contar as vitórias nos demais jogos,  
vale mais a pena contar os grãos de areia da Líbia.

---

<sup>70</sup> Nenhuma informação sobre este Leão. A luta com o leão de Nemeia era, na tradição helenística, o último dos doze trabalhos de Hércules. O Alcida é Hércules, segundo algumas fontes descendente de Alceu (cf. Calímaco, *Hino a Diana* 145).

<sup>71</sup> Lutador desconhecido da faixa etária das crianças.

<sup>72</sup> Cidade a cerca de 60 km a leste de Éfeso. Originalmente chamada de Dióspolis, mudou de nome em homenagem a Laodice, esposa de Antíoco II de Téos, que a reconstruiu.

<sup>73</sup> Capital da Élide, aqui como referência aos Jogos Olímpicos.

## 53. ANÓNIMO

*Sobre um corredor*

Se Ladas<sup>74</sup> saltou sobre o estádio, ou passou a voar,  
 não sei dizer – ó divina velocidade a sua!

## 54a. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo*

Tal qual eras, inspirado Ladas, correndo sobre as asas do vento  
 †o teu trilho, e na ponta †do pé exalando o teu alento,†  
 assim te forjou Míron<sup>75</sup> no bronze, em todo o teu corpo  
 imprimindo a ambição pela grinalda de Pisa.

## 54b. ANÓNIMO

Cheio de esperança ele está, e à volta dos lábios se lhe nota  
 a transpiração que vem do profundo das coxas.  
 Em breve se lançará o bronze à grinalda, e não há de a base  
 detê-lo – ó arte essa, mais veloz ainda que o vento!

---

<sup>74</sup> Os núms. 53 e 54a-b referem-se ao corredor supostamente Argivo (Pausânias 2.19.7) de meados do século V a.C. de quem Míron terá feito uma estátua muito conhecida (núm. 54a), uma autêntica estrela desportiva do tempo, ao ponto de ter rebatizado com o seu nome o estádio de Mantineia no qual treinava (Pausânias 8.12). O seu túmulo teria sido erguido nas margens do Eurotas, perto de Esparta, onde falecera no regresso vitorioso de Olímpia (Pausânias 3.21.1). O presente epigrama pode ser cópia da inscrição da sua estátua no mesmo estádio de Olímpia.

<sup>75</sup> O vocabulário e o estilo do epigrama deixam claro que não se tratava de uma inscrição da base da estátua original de Míron, antes de uma éfrase tardia da mesma, porquanto, como tantas outras, também esta estátua terá tardiamente sido levada de Olímpia para Roma.

### 55. DE TROILO, O GRAMÁTICO

– Estátua, quem te dedicou, porquê e para quem, diz-me!

– Pela luta na palestra, a cidade me dedicou a Líron.

### 56. ANÓNIMO

A Eusébio, a Roma Bizantina<sup>76</sup> dedicou esta estátua,

esta e duas outras, pelo seu talento de auriga.

Foi coroado não em consequência de vitória muito disputada,  
mas por muito exceder a velocidade e força dos cavalos.

Assim eclipsou a luz dos adversários; e à antiga disputa,  
a que dividia o povo, também a essa pôs cobro<sup>77</sup>.

### 57. DE PAULO SILENCIÁRIO

*Sobre uma bacante em Bizâncio*

Esta bacante em fúria<sup>78</sup>, não foi a natureza, antes a arte  
que a construiu, misturando o frenesim e a pedra.

---

<sup>76</sup> Constantinopla. Cameron (1973: 252) chama à atenção para o facto desta construção, “Roma Bizantina”, não aparecer atestada antes de 560.

<sup>77</sup> Epigrama de origem epigráfica para um auriga de Constantinopla, provavelmente dos finais do governo de Justiniano (apud Cameron 1973: 252-258), num momento em que a fama das corridas de carros começava já a decair. O facto de a presente composição não constar entre os núms. 335-387 sugere que a estátua deste Eusébio não estava erguida no Hipódromo.

<sup>78</sup> A insistência, neste epigrama e no seguinte, na animação furiosa da estátua, levou a sugerir que se tratava da *Bacante* de Escopas (séc. IV a.C.), a dada altura transferida para Constantinopla – como parece indicar o lema do núm. 57. Perdido o original de Escopas, crê-se que a conhecida como *Bacante de Dresden* (Dresden Albertinum inv. 133) é dele uma cópia romana.

## 58. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo*

Para essa bacante! Não vá ela, mesmo de mármore,  
transpor o portal e escapar-se do templo.

## 59. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

*Sobre o mesmo*

Ignorando ainda como tocar os címbalos<sup>79</sup> com as mãos,  
uma bacante envergonhada, isso moldou o escultor.

Por isso se inclina para a frente, e parece gritar assim:  
“Fora, para tocá-los sem ninguém por perto!”

## 60. [DE SIMÓNIDES]<sup>80</sup>

– Quem é esta? – Uma bacante. – Quem a esculpiu? – Escopas.  
– E quem a fez delirar, Baco ou Escopas? – Escopas.

## 61. DE CRINÁGORAS

*Sobre [uma estátua] de Nero*

Oriente e Ocidente, os limites do mundo. As empresas  
de Nero<sup>81</sup> atingiram os dois extremos da terra.

---

<sup>79</sup> Instrumento musical que, pela iconografia, podemos aproximar das castanholas.

<sup>80</sup> A incongruência da atribuição a Simónides (séc. VI a.C.) de um epigrama que refere o escultor Escopas (séc. IV a.C.) dispensa qualquer explicação. Natural de Paros, Escopas exerceu a sua atividade na primeira metade do século IV a.C. e foi colaborador de Praxíteles (vd. núm. 129 e nota ad loc.). Tal como Lisipo (vd. núm. 120 e nota ad loc.), era um sucessor do estilo de Policleito (cd. núm. 216 e nota ad loc.).

<sup>81</sup> Tibério Cláudio Nero César, imperador romano entre 14-37, o direto sucessor de Augusto, seu padrao. As campanhas militares mencionadas no poema são anteriores à sua coroação como Imperador.

O Sol, ao erguer-se, contempla a Arménia<sup>82</sup> que o seu braço  
 subjugou, e também a Germânia<sup>83</sup>, quando vai deitar-se.  
 Celebre-se pois um duplo poder na guerra: conhecem-no  
 [Araxes<sup>84</sup>  
 e o Reno, dos quais agora bebem povos escravizados.

## 62. ANÓNIMO

*Sobre uma estela do imperador Justiniano no Hipódromo*

Estas oferendas, soberano destruidor dos Persas, te concede  
 Eustácio<sup>85</sup>, em simultâneo pai e filho<sup>86</sup> desta tua Roma:  
 um cavalo pela vitória, outra Vitória que te tinges com a grinalda,  
 e tu próprio, montando um corcel veloz como o vento.  
 Alto se eleva, Justiniano, o teu poder! E que, sobre a terra,  
 [para sempre  
 estejam agrilhoados os bastiões dos Persas e dos Citas<sup>87</sup>.

## 63. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo*<sup>88</sup>

Um cavalo, o imperador e ainda a Babilónia<sup>89</sup> destruída,

---

<sup>82</sup> Submetida numa batalha em 20 a.C.

<sup>83</sup> A referência pode ser a uma de várias expedições, seja a do ano 16 a.C., seja as dos anos 9 e 7 a.C., ou mesmo, posterior, a dos anos 4-6 da nossa era.

<sup>84</sup> Rio da Ásia.

<sup>85</sup> Prefeito de Constantinopla (c. 530) do governo de Justiniano I (527-565).

<sup>86</sup> Na realidade, dois títulos oficiais, respetivamente, os de Prefeito e cidadão honorífico.

<sup>87</sup> Justiniano firmara uma suposta paz perene com os Persas em 530, a qual não duraria mais que dois anos. Assim, o ano de 532 parece de aceitar como *terminus post quem* do epigrama.

<sup>88</sup> Erro do lema. Não deve tratar-se da mesma estátua, desde logo porque é outro o indivíduo que a dedicou.

<sup>89</sup> Exagero do poeta. Justiniano I nunca chegou à Babilónia propriamente dita.

isso moldou o bronze dos despojos dos Assírios.  
 É Justiniano, e aquele que detém o jugo sobre a Anatólia<sup>90</sup>,  
 Juliano<sup>91</sup> o ergueu, testemunho da chacina dos Persas

#### 64. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo*

Eu, o Prefeito Teodoro, nas margens deste rio erigi  
 esta estátua brilhante para o imperador Justino,  
 para que mesmo no porto difunda serenidade<sup>92</sup>.

#### 65. ANÓNIMO

*Sobre uma estátua do imperador Teodósio*

Avanças da Anatólia, Teodósio<sup>93</sup>, para os mortais um outro sol  
 que traz a luz, umbigo do mundo, coração cheio de  
 [bondade,  
 tu, que a teus pés tens o Oceano e a terra que não tem fim,  
 resplendor universal, armado de elmo, ágil condutor de  
 [ilustre  
 cavalo – ó grande herói – que contudo deseja escapar-se.

---

<sup>90</sup> I.e. o Oriente.

<sup>91</sup> Cônsul e Prefeito do Oriente de Justiniano I e Justino II.

<sup>92</sup> Justino II (imperador entre 565-578), que tinha o título de “sereníssimo”, havia reconstruído o porto Juliano em 570. Aí estaria a estátua mandada erguer por este Teodoro, em cuja base devia estar inscrito o presente epigrama.

<sup>93</sup> Inscrição para a estátua equestre monumental que o imperador Teodósio mandou erguer no Fórum com o seu nome, em 393.



### 66. ANÓNIMO

*Calíades, general bizantino, ergueu esta famosa estátua junto da assim chamada Basílica de Bizâncio, onde se lia assim:*

O poderoso Bizas e a amável Fidália<sup>94</sup>, forjando-os  
em memorial único, Calíades os dedicou.

### 67. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo*

A amável Fidália represento, a esposa de Bizas;  
sou oblação por um enfrentamento penoso<sup>95</sup>.

### 68. DE ASCLEPIÁDES OU POSIDIPO

*Sobre uma estátua de Berenice*

– “Esta estátua é de Cípris?” – “Vejamos se não é de Berenice<sup>96</sup>.”  
Tenho dúvidas com qual das duas mais se parece.

### 69. ANÓNIMO

A Zenão<sup>97</sup>, o imperador, dedicatória do Prefeito Juliano<sup>98</sup>;  
a Ariadne, a esposa de Zenão, do mesmo Juliano.

---

<sup>94</sup> Respetivamente, o fundador mítico de Bizâncio e a sua esposa.

<sup>95</sup> À letra, “por uma prova digna de touros”. Das muitas interpretações que sem têm dado à expressão, preferimos a que entende a alusão à mítica derrota, encabeçada pela esposa de Bizas, dos Citas que atacavam a cidade.

<sup>96</sup> Deve referir-se à esposa de Ptolemeu I (Sóter), sátrapa do Egito entre 323-283 a.C. A ela, que terá morrido por volta de 280 a.C., eram dedicados templos nos quais era venerada como associada de Afrodite. Alvo do mesmo culto foi a homónima esposa de Ptolemeu III Evergeta ou a filha de Ptolemeu II Filadelfo, também apontadas como hipóteses de identificação.

<sup>97</sup> Imperador que sucedeu a Leão I e governou até à data da sua morte, em 491.

<sup>98</sup> Prefeito do governo dos imperadores Anastásio e Justino I, também o poeta da *Antologia* conhecido como Juliano do Egito.

## 70. ANÓNIMO

O soberano que viu florescer o palácio do Hélicon,  
graças aos trabalhos gloriosos do prefeito Juliano,  
fixou-se, todo em ouro, junto às mansões das Piérides<sup>99</sup>.

## 71. ANÓNIMO

A glória de Juliano todos a celebram, ele que, tendo honrado  
as Piérides, erigiu uma estátua de ouro para Anastásio.

## 72. [DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA]

*Sobre uma estátua do Imperador Justiniano*<sup>100</sup>

Uma estátua carregada de despojos, pela sua vitória, em Susa  
há de erguer o insolente Persa para o nosso imperador;  
e outra a armada de cabelo desalinhado dos Ábares, para lá  
do Istro<sup>101</sup>,  
arrancando uma madeixa da sua cabeça hirsuta.

---

<sup>99</sup> As expressões “palácio do Hélicon” e “mansões das Piérides” (as Musas) referem-se à Biblioteca de Constantinopla (também conhecida como Museu), construída durante o governo de Juliano e destruída pelo fogo em 477. O epigrama celebra, ao que parece, a sua reconstrução pelo mesmo Prefeito Juliano do epigrama anterior, durante o governo de Anastásio I (post 491), de quem se ergueu *in situ* uma estátua em ouro – a mesma que é referida no epigrama seguinte.

<sup>100</sup> Erro do lema. O imperador celebrado é Justino I (v. 8) e não Justiniano I, o seu sucessor.

<sup>101</sup> Justino I conseguira que, após dez anos de guerra com os Ábares (tribo dos Citas), estes se mantivessem em paz. Mas a guerra com a Pérsia, apesar da paz assinada em 540, prolongar-se-ia até 577, com avanços e recuos de ambas as partes. O epigrama formula então dois desejos, a destruição da Pérsia e o final das hostilidades com os Citas (o Istro é o Danúbio), simbolicamente representados na construção de duas estátuas do imperador pelos inimigos.

Esta aqui, ao invés, pela prosperidade do seu bom governo  
e pela mitra consular<sup>102</sup>, neste local a ergueu a cidade  
[soberana.

Oxalá permaneças firme, intrépida Roma de Bizâncio,  
tu que recebeste o poder divino de Justino.

### 73. ANÓNIMO

O que adornou o assento consular, por três vezes foi Prefeito  
e a quem chamavam pai<sup>103</sup> os imperadores todo-poderosos,  
esse Aureliano<sup>104</sup> aqui se ergue em ouro. Encargo do Senado,  
a cujos problemas sequer ele próprio foi capaz de dar solução.

### 74. ANÓNIMO

*Para um governante*

À doçura do mel mistura um pouco de medo, pois a própria  
abelha zumbidora assim apetrecha o seu aguçado aguilhão;  
sem o chicote, tampouco um cavalo arrogante segue a direito,  
nem um grupo de porcos obedece à vontade do porqueiro  
sem que antes ouça o som do bastão que ressoa ao longe.

### 75. DE ANTÍPATRO [DE TESSALÓNICA]

A Zeus, a Apolo e a Ares, tu, filho de soberanos,  
te pareces, feliz rebento desejado de uma mãe,

---

<sup>102</sup> Os primeiros anos do governo de Justino foram económica e socialmente frutíferos. Em concreto, há aqui referência à restauração do título de Côsul, em 566, abolido no governo anterior.

<sup>103</sup> Pode aludir à sua posição de Senador ou Prefeito.

<sup>104</sup> Flávio Aureliano, Côsul em 404 e Prefeito de Constantinopla em 393, 402 e 404.

## 174. ANÓNIMO

*Sobre a mesma*

Palas, ao ver a Citereia armada, assim lhe disse:

“Assim pretendes, Cípris, ir a concurso?”

E ela, doces sorrisos: “Porquê erguer o escudo contra mim?

Se venço nua, como seria se levasse armas?”<sup>208</sup>

## 175. DO MESMO

*Sobre a mesma*

Ou o mármore se armou como Afrodite, ou foi a Páfia  
que, ao ver o mármore, jurou ser igual a si.

176. DE ANTÍPATRO [DE TESSALÓNICA]<sup>209</sup>*Sobre a mesma*

Cípris também é de Esparta; porém, não se ergue aí,  
como nas outras cidades, vestida de delicados adornos:  
Na cabeça tem um casco, em vez de um véu,  
e em vez de galhos dourados<sup>210</sup> o cabo de uma lança.  
Em verdade, não devia talvez estar desarmada  
a amante do Trácio Eniálio<sup>211</sup>, a Lacedemónia.

<sup>208</sup> O epigrama foi imitado por Ausónio (epigr. 647) e Pseudo-Ausónio (epigr. 7).

<sup>209</sup> A tradição manuscrita atribui o epigrama ao mesmo Antípatro de Sídón, mas Gow-Page (1968, vol. 2: 90) defenderam a sua atribuição ao poeta de Tessalónica com o mesmo nome.

<sup>210</sup> Alusão poeticamente disfarçada à maçã de ouro, prémio do concurso de beleza no Ida.

<sup>211</sup> Ares, deus da guerra. Com Afrodite, protagonizam o mais famoso adultério da mitologia grega: apanhados por Hefesto, o marido traído, em pleno ato, a sua vergonha foi exposta pelo último aos demais deuses.

177. DE FILIPO

*Sobre a mesma*

Cípris de doce sorriso, senhora do tálamo! Quem te armou,  
deusa doce como mel, com essas armas de guerra?  
Antes amavas o péan, o himeneu de cabeleira dourada  
e os graciosos encantos das flautas de claro som.  
Porque te revestes agora de adereços de morte? O intrépido Ares  
acaso despojaste, para vangloriar-te do poder de Cípris?

178. [DE ANTÍPATRO DE SÍDON]

*Sobre a mesma saindo do mar*

Contempla essa Cípris que surge da espuma do mar,  
sua mãe, obra-prima do pincel de Apeles<sup>212</sup>;  
como, segurando com as mãos o cabelo empapado  
da água, escorre a espuma das suas tranças.  
Atena e Hera, elas mesmas assim lhe dizem agora:  
“Não mais competiremos contigo em beleza!”<sup>213</sup>

179. DE ÁRQUIAS

*Sobre a mesma*

A própria, quando saía do mar que a gerou, Cípris,  
Apeles viu-a nua, na ocasião do seu nascimento.  
E assim a pintou, quando com as mãos robustas escorria ainda  
os cachos de cabelo ensopados da espuma do mar.

---

<sup>212</sup> A *Afrodite Anadiomene* de Apeles, uma pintura descrita entre outros por Plínio (*HN* 35.36.79–97) que Apeles teria realizado para o Templo de Asclépio em Cós, por volta de 330 a.C. Uma anedota antiga transmitida por Plínio sugere que Apeles teria usado, para modelo da deusa nua, Campaspe, cortesã de Alexandre Magno.

<sup>213</sup> O poema tem sido interpretado como uma imitação do núm. 182.

**180. DE DEMÓCRITO***Sobre a mesma*

Quando Cípris, com a cabeleira a gotejar de espuma salgada,  
 emergiu nua de entre as ondas cor de púrpura,  
 embora segurando os cabelos com as mãos  
 junto às brancas maçãs do rosto, calcava o mar Egeu,  
 mostrando os seios e não mais, como é lícito. Se a deusa  
 é mesmo assim, há de confundir-se a cólera de Eniálio!<sup>214</sup>

**181. DE JULIANO, PREFEITO DO EGITO***Sobre a mesma*

Acaba agora mesmo de nascer a Páfia do ventre do mar,  
 encontrando em Apeles a mão parteira.  
 Rápido, afasta-te do quadro, não te encharques na espuma  
 que goteja dos seus cabelos ao espremê-los!  
 Se Cípris era assim quando se desnudou pela maçã,  
 foi sem justiça que Palas devastou Tróia!<sup>215</sup>.

**182. DE LEÓNIDAS DE TARENTO***Sobre a mesma*

Acabada de sair do ventre da mãe, encharcada  
 ainda de espuma, a Cípris dos festins nupciais,  
 vede como Apeles plasmou a sua beleza erótica,  
 não uma pintura, antes um ser dotado de vida!  
 Graciosa, com as mãos seca os cachos de cabelo;

---

<sup>214</sup> Ares, encolerizado pela infidelidade de Afrodite.

<sup>215</sup> I.e., não devia Atena ter destruído Tróia para vingar o resultado de um concurso que foi afinal justo, esse das três deusas no Ida.

graciosa, de seus olhos lampeja um tranquilo desejo;  
e os seios, arautos do seu encanto, como marmelos.  
E por isso Atena, ela e a própria consorte de Zeus,  
hão de dizer: “Zeus, abrimos mão do concurso!”

### 183. ANÓNIMO

*Sobre uma estátua de Dioniso ao lado de Atena*

– Diz-me, que tens em comum com Palas? Para ela aljavas  
e batalhas, ao passo que tu te deleitas em banquetes.  
– Não precipites, estrangeiro, tais perguntas sobre os deuses!  
Sabe antes em que medida me assemelho a essa deusa.  
Também eu aprecio a glória das batalhas; bem o sabe o Indo<sup>216</sup>,  
por mim subjugado para lá do Oceano da Aurora<sup>217</sup>.  
A raça dos mortais dotámos ambos, ela com a oliveira,  
eu com os cachos de uvas adocicadas da vinha.  
E tampouco por mim uma mãe suportou as dores do parto;  
eu brotei da coxa de meu pai, ela da sua cabeça<sup>218</sup>.

### 184. DE ANTÍPATRO [DE TESSALÓNICA]

*Sobre outra estátua do mesmo*

Eu, Dioniso, camarada de armas do Ausónio Pisão<sup>219</sup>,  
Em boa hora aqui estou como sentinela de sua casa.

---

<sup>216</sup> Dioniso e o seu cortejo de báquico penetrara na Ásia, pormenor da lenda que, após as conquistas de Alexandre, era celebrado como símbolo da civilização levada a esses povos.

<sup>217</sup> O Oceano do Levante, i.e., o Oceano Índico.

<sup>218</sup> Após a morte de Sémele, Dioniso foi enxertado na coxa de Zeus, onde terminaria de gestar. Quanto a Atena, nascera diretamente da cabeça de Zeus.

<sup>219</sup> Pisão tinha fama de gostar de boa pinga (cf. Séneca, *Epístulas* 83.14; Suetónio, *Tibério* 42; Plínio 14.145).

– Em digna casa entraste, Dioniso! Estão um para o outro,  
o palácio para Baco, e Brómio<sup>220</sup> para o palácio.

### 185. ANÓNIMO

*Sobre uma estela de Dioniso e outra de Hércules*

Ambos de Tebas, ambos dados à guerra e filhos de Zeus;  
um terrível com o tirso, o outro com a maça.

Unidas estão as suas estelas; semelhantes as suas armas:

pele de cervo contra a de leão, címbalos<sup>221</sup> contra o  
[chocalho<sup>222</sup>.

Hera foi para ambos cruel divindade; e, por meio do fogo<sup>223</sup>,  
ambos ascenderam da terra para junto dos imortais.

### 186. DE XENÓCRITO<sup>224</sup>

*Sobre uma estátua de Hermes*

Hermes, o veloz, assim me chamo! Mas na palestra<sup>225</sup>

não me coloqueis amputado de braços e sem pernas<sup>226</sup>;

como ser veloz, como defender-me com os braços,

fixo sobre um pedestal e amputado de ambos?

<sup>220</sup> Baco e Brómio são dois cognomes de Dioniso, ou seja, “uma boa cabeça para um belo chapéu”.

<sup>221</sup> Vd. núm. 59 e nota ad loc.

<sup>222</sup> Com que afugentou as aves Estinfálidas.

<sup>223</sup> Paralelo imperfeito. No caso de Hércules, há referência à pira na qual foi cremado no monte Etna; quanto a Dioniso, pode aludir ao raio de Zeus que fulminou Sémele e, em consequência, uniu literalmente o deus à coxa de seu pai.

<sup>224</sup> Um só poeta com este nome, de Rodas, consta da *Antologia* (7.291).

<sup>225</sup> Escola de luta.

<sup>226</sup> As *hermae* (estátuas de Hermes) tradicionais eram bustos sem pernas nem braços.



187. ANÓNIMO

Suplicou alguém a um Hermes de madeira, e de madeira  
[ele ficou.

Depois, ergueu-o e lançou-o ao chão; foi quando, ao partir-se,  
derramou ouro. Moral: muitas vezes a insolência gera benefício<sup>227</sup>.

188. DE NÍCIAS

*Sobre outra estátua do mesmo*

Eu, o senhor do escarpado Cileno de folhagem baloiçante,  
aqui estou, guardião deste amável ginásio,  
eu, Hermes! Muitas vezes os mancebos sobre mim depositam  
manjerona e jacinto, outras frescas grinaldas de violetas.

189. [ANÓNIMO OU DO MESMO]

*Sobre outra do mesmo*<sup>228</sup>

Como guardião das suas abelhas, para bem de Pisístrato  
aqui estou, deixando as encostas do Ménalo<sup>229</sup>  
e vigiando agora os destruidores de enxames. Mas tu, afasta-te  
destas mãos, como do ágil pontapé deste pé agreste<sup>230</sup>.

---

<sup>227</sup> Cf. a fábula 119 de Bábrio.

<sup>228</sup> O lema parece indicar, erroneamente, que o poema trata sobre outra estátua de Hermes (*tou autou*), quando o texto claramente identifica a divindade celebrada como Pá. Outra possibilidade é que este *tou autou* se refira ao poeta, o mesmo Nícias. A outro nível, a confusão de Planudes pode dever-se à tradição mítica que, desde o *Hino Homérico a Pá*, fazia de Hermes o pai desse deus (cf. n.º 229).

<sup>229</sup> Monte da Arcádia.

<sup>230</sup> A pata de bode de Pá.

## 190. DE LEÓNIDAS

*Sobre outra do mesmo [Hermes]*

O pastor Mórico, para vigiar as suas cabras ergueu  
 este Hermes, afamado guardião dos rebanhos.  
 Podeis agora saciar-vos do verde pasto na montanha,  
 livres de cuidados com o voraz lobo.

## 191. DE NICÉNETO

*Sobre outra do mesmo*

Com a argila local, a mim, um comum Hermes de barro,  
 moldou-me o girar circundante do torno.  
 Sou feito de lama – não posso negá-lo! Mas aprecio,  
 estrangeiro, o ofício ingrato dos oleiros.

## 192. ANÓNIMO

*Sobre outra do mesmo*

Caríssimo: não julgues tu que vês um Hermes qualquer,  
 um de tantos outros – eu sou a obra de Escopas<sup>231</sup>.

## 193. DE FILIPO

*Sobre outra do mesmo, num jardim*

– Posso tocar um repolho, ó Cilénio<sup>232</sup>? – Não, viajante!  
 – Que mal há por uns vegetais? – Mal não, tão só a lei  
 de afastar dos bens alheios as mãos do ladrão. – Está bonito!  
 Agora Hermes estabelece como nova lei não roubar!

<sup>231</sup> Escultor do séc. IV a.C. Vd. supra, núm. 60 e nota ad loc.

<sup>232</sup> Hermes, que teria nascido numa caverna do Monte Cilene, no Peleponeso.

194. ANÓNIMO

*Sobre uma estátua de Eros*

Alguém passou este Eros de bronze de um fogo a outro  
[fogo<sup>233</sup>,  
ajustando-o ao tacho, um castigo para outro castigo.

195. DE SÁTIRO

*Sobre uma estátua do mesmo, agrilhado*<sup>234</sup>

O deus alado, quem assim o fez, quem com correntes agrilhouou  
o rápido fogo? Quem tocou nessa aljava flamejante?  
Os seus braços de rápido disparo, quem os recolheu atrás costas,  
acorrentando-os desta forma a uma coluna firme?  
Vão conforto para os mortais tudo isto! A alma deste artista,  
não a acorrentou antes o que agora é seu prisioneiro?

196. DE ALCEU<sup>235</sup>

*Sobre o mesmo*

Quem – ato ímpio! –, te capturou e aqui te colocou  
agrilhado? Quem te amarrou os braços às costas  
e forjou essa mirada pesarosa? As fechas velozes, infeliz,  
onde estão? Onde está a aljava amarga e cheia de fogo?

---

<sup>233</sup> O mesmo tema tratado em *AP* 9.773, de Páladas: Eros na pega de um tacho ou frigideira.

<sup>234</sup> Os núms. 195-199 reportam-se ao modelo gráfico de estátua de Eros agrilhado, o mesmo que encontramos em *AP* 5.179 (de Meleagro). Conserva-se um conjunto de gemas helenísticas e romanas representando esse modelo, e também o Eros que adorna a Casa de Cupido em Pompeia (séc. I), despojado das suas armas e amarrado por Afrodite, pode obedecer ao mesmo modelo.

<sup>235</sup> Deve haver um erro, porquanto o epigrama será de Alfeu.

Inútil foi sem dúvida o labor do escultor, que a ti, cujo ferrão  
revolve os deuses, prendeu em semelhante armadilha!

**197. DE ANTÍPATRO [DE TESSALÓNICA]**

*Sobre o mesmo*

Quem te amarrou as mãos ao pilar com esses nós impossíveis  
de desatar? O fogo pelo fogo, a argúcia pela argúcia,  
quem os tomou? Não deixes, meu doido, que as lágrimas te  
[inundem  
o terno rosto; tu, o que com lágrimas dos moços se compraz.

**198. DE MÉCIO**

*Sobre o mesmo*

Chora, divindade incerta, com as mãos bem amarradas,  
chora forte, derramando lágrimas que derretem o coração,  
ladrao da prudência, charlatão, meu pirata da razão,  
meu fogo alado, Eros, ferida invisível da alma minha!  
Os teus grilhões são para os mortais alívio de dores, irracional!  
Agrilhoado, aos ventos surdos lança agora as tua súplicas.  
E a tocha invencível, a que acendias nos corações dos mortais,  
vê agora como se apaga por efeito das tuas lágrimas.

**199. DE CRINÁGORAS**

*Sobre o mesmo*

Chora agora e lamenta, meu manhoso, com os músculos  
das mãos bem amarrados – cada qual tem o que merece!  
Ninguém te solta, não ponhas essa cara de coitadinho!

- Mariano, o Escolasta (séc. VI) 201  
 Mécio (séc. I) 198  
 Meleagro de Gádara (séc. I a.C.) 134, 213?  
 Mesomedes de Creta (séc. II) 323  
 Miguel, o Gramático (séc. VI) 316  
 Mosco de Siracusa (séc. II a.C.) 200  
 Nilo, o Escolasta (séc. V) 247  
 Nicéneto de Samos (séc. III a.C.) 191  
 Nícias de Mileto (séc. III a.C.) 188, 189?  
 Páladas de Alexandria (séc. III/IV) 20, 194, 207, 282, 317  
 Parménio de Macedónia (séc. I) 216, 222  
 Paulo Silenciário (séc. VI) 57, 77, 118, 277, 278  
 Perito (?) 236?  
 Platão (séc. IV a.C.) 13?, 160?, 161?, 248?  
 Platão o Jovem (séc. V-IV a.C.) 160, 161, 210  
 Posidipo de Pela (séc. III a.C.) 68, 119, 275  
 Sátiro de Olinte (?) (séc. II a.C.) 153, 195  
 Secundo de Tarento (séc. I?) 214  
 Simónides de Céos (séc. VI-V a.C.) 2?, 3?, 23-24?, 26?, 60?, 82?, 204?,  
 232?  
 Sinésio de Cirene, o Filósofo (séc. IV-V) 76, 79  
 Sinésio, o Escolasta (séc. VI) 267  
 Teeteto, o Escolasta (séc. VI) 32B, 221, 233  
 Teodoreto (séc. IV-V) 34  
 Teodóridas de Siracusa (séc. III a.C.) 132  
 Tomás, o Patrício (séc. VI) 379  
 Tomás, o Escolasta (post. séc. VI) 315  
 Troilo, o Gramático (séc. IV) 55  
 Timnes de Eleuterna (séc. III a.C.) 237  
 Xenócrito de Rodes (?) 186  
 Zenódoto de Éfeso (séc. IV-III a.C.) 14

VOLUMES PUBLICADOS NA *COLEÇÃO AUTORES*  
*GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS*

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibíades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).
20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).

21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
26. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VI*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
27. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
28. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VIII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
29. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IX*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
30. Reina Marisol Troca Pereira: *Hiérocles e Filágrío. Philogelos (O Gracejador)*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
31. J. A. Segurado e Campos: *Iseu. Discursos. VI. A herança de Filoctémon*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
32. Nelson Henrique da Silva Ferreira: *Aesopica: a fábula esópica e a tradição fabular grega*. Estudo, tradução do grego e notas. (Coimbra, CECH/IUC, 2013).



33. Carlos A. Martins de Jesus: *Baquíledes. Odes e Fragmentos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
34. Alessandra Jonas Neves de Oliveira: *Eurípides. Helena*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
35. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. Rãs*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
36. Nuno Simões Rodrigues: *Eurípides. Ifigénia entre os tauros*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
37. Aldo Dinucci & Alfredo Julien: *Epicteto. Encheiridion*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
38. Maria de Fátima Silva: *Teofrasto. Caracteres*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
39. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. O Dinheiro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
40. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega, Epigramas Ecífrásticos (Livros II e III)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
41. Reina Marisol Troca Pereira: *Parténio. Sofrimentos de Amor*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).

42. Marta Várzeas: *Dionísio Longino. Do Sublime*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
43. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. A Musa dos Rapazes (livro XII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
44. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. Apêndice de Planudes (livro XVI)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).

A *Antologia de Planudes*, conservada no autógrafo *Marcianus gr.* 481 do século XIV, foi durante os séculos XVI-XVIII a única recensão do epigrama grego conhecida e divulgada e exerceu, por isso mesmo, uma influência notável na poesia e na cultura moderna em geral. Texto pedagógico nuclear para alunos renascentistas de grego e latim, com frequência constituía o seu primeiro contacto com a literatura grega. Poetas e escritores de todos os tempos dela se serviram. Erasmo, que copia e comenta nos *Adagia* cerca de cinquenta componentes, mas também os *Emblemmata* de Alciato, pela primeira vez publicados em 1492, que ilustram, traduzem para latim e comentam um muito maior número de epigramas. O presente volume oferece em tradução os epigramas transmitidos por Planudes que estão ausentes do *Palatinus*, nas edições modernas publicados como Livro XVI da *Antologia Grega*. A grande maioria destes textos (356 de um total de 392) provém do capítulo IV do *Marcianus*, recolha de epigramas descritivos ou efrásticos. Destes, realçam os componentes dedicados aos aurigas de Constantinopla (núms. 335-386), textos que a arqueologia demonstrou terem conhecido a forma inscrita.